

NESTE CARRO ENCANTADOR, UM HOMEM ENCANTADOR. NUM VALE DESOLADO, UMA BICICLETA COM PNEU FURADO.

Texto coletivo de Marina Bravo, Rita Rocha, Tati Zucato, Thiago Leobons, Emmanuelle Moritz,

Diego Mancini, Valére Novarina, Thor Vaz e A Revisão de Thor Vaz

**Entra o publico. Ouve-se um metrônomo repetitivo como qualquer metrônomo. A trilha da peça é composta pela música Charming Man, metrônomo e sinos. Depois de algum tempo ouvimos quatro batidas na porta. Leopoldo entra.*

LEOPOLDO - Com licença, posso entrar? Vou entrando. Não estranhem, vou entrando...

**Senta-se com as pernas cruzadas e medita. Das coxias ouvimos um coro:*

TODOS – Neste carro encantador, um homem encantador. Num vale desolado, uma bicicleta com pneu furado. Este espetáculo fala num dialeto gago/dislexo sobre como a vida às vezes parece um sábado chuvoso numa casa onde a luz foi cortada por falta de pagamento. Existe um abismo em algum momento na vida de todo ser humano vivo. No caso dos seres humanos mortos, só há o abismo. É sobre isso que, num dialeto gago/dislexo, falaremos. Não sobre os seres humanos mortos, não entenda mal. Mas sobre os abismos que rondam os vivos. Sobre como você tem tanta beleza, e ainda assim... Silêncio, o homem medita! Esse espetáculo nasce de uma meditação pessimista. Sabe quando você medita e vem na sua cabeça a resposta para as questões indecifráveis de todos ao seu redor? Os problemas de seus amigos íntimos e até dos menos íntimos, vizinhos, o guarda que você cruza nas esquinas, o ator da TV que você acha boçal, sua tia-avó que você não sabe se saiu do coma, seu colega da creche por quem você foi apaixonada. De repente você tem a solução para os problemas de todos. Não sei se isso acontece com você o tempo todo. Isso aconteceu com Leopoldo hoje. E por mais que você possa pensar que este é um texto bobo escrito por um dramaturgo preguiçoso num sábado chuvoso quando em seu apartamento a luz foi cortada e a única coisa que ele tinha na dispensa pra pôr pra dentro era o restinho de uma última pedra de crack... Não se trata disso. Toda crítica que você faz para o outro é na verdade... Você sabe...

**Leopoldo se levanta, se espreguiça, encara o público.*

LEOPOLDO - Estou meditando. Meu corpo está ali sentado. Eu continuo meditando. Eu faço parte de um grupo de meditação. É tudo o que eu posso lhes dizer agora. E também que me sinto no topo de um vale. Desolado. E minha bicicleta já não pode me levar a lugar algum. E por algum motivo especial que agora um entorpecimento passageiro não me deixaria explicar, ela me vem à cabeça.

**A PSICÓLOGA entra. Acende a luz. Fecha a porta do jardim. Senta junto à parede. Pernas cruzadas. Posição de completude. Cola uma PALAVRA acima da cabeça: PSICÓLOGA. Em seguida cola uma segunda: CONFUSA. Ela fala em francês.*

PSICÓLOGA – Casobismo. Il enlève les bandes de rouille, respecte les rides de ceux qui arrivent, mais seuls ceux qui abandonnent ont mon vrai respect, c'est le fait. L'année dernière, j'ai assisté à un bipolaire nommé Cadtia Odora et chaque session se vantait, elle a crié sur les plans de la défaite en se suicidant. Je n'ai jamais fait d'excuses ou d'idolâtrie, ni même esquissé un sourire, au point que mes patients n'ont pas toujours vu mon visage, mais le fait est que j'aime le goût du sang auto-imposé. Tant et si bien que c'était son crématoire qui était le seul événement morbide d'un patient au cours de ces six années que j'avais présenté mes condoléances respectueuses. Depuis qu'il était le seul en qui mon respect était vrai et pouvait être vu dans les yeux. Mon cœur souriait de satisfaction et d'enthousiasme. Je respecte les suicides autoproclamés. Obtient le succès. Je suis ici en tant que prêtresse, en écoutant, en écoutant - vraiment, en écoutant vraiment! Vraiment? La vérité de la putain de vérité, y a-t-il vraiment une vérité? Il y a dans toutes les bouches un grondement universel, un gémissement, assourdissant, moqueur, un hurlement ridicule, comme on rit du grognement du sourd-muet, qu'on ne m'écoute pas. Je sais que je suis ridicule, penses-tu que je n'ai pas d'autocritique? Chaque critique que je fais pour un autre est en fait ... Que vous savez déjà, pour moi. Et tu n'as aucune idée. Maladroit, connard! Le chemin est tortueux, labyrinthique! Bummer!

LEOPOLDO (simultaneamente) - Casobismo. Saca sacarroilhas de ferrugem, respeito as rugas dos que chegam, mas só os que desistem têm o meu verdadeiro respeito, esse é o fato. Ano passado atendi uma bipolar de nome Cátia Odora e toda sessão se gabava ela, aos prantos sobre os planos de derrota suicidando-se. Nunca fiz apologia ou idolatria, nem sequer esbocei sorriso, tanto que desde sempre meus pacientes não vêem o meu rosto, mas o fato é que gosto do gosto do sangue auto imposto. Tanto que foi o crematório dela o único evento mórbido de um paciente, em todos esses seis anos, que fui prestar minhas respeitadas condolências. Já que foi o único em que meu respeito era verdadeiro e se via nos olhos. Meu coração sorria de satisfação e entusiasmo. Respeito os suicidas confessos que exitam. Obtém êxito. Eu fico aqui com jeito de sacerdotisa, escutando, ouvindo – de verdade, ouvindo de verdade! De verdade? A verdade da porra da verdade, existe de fato uma verdade? Existe em cada boca um urro universal, um urro surdo-mudo caótico e ridículo, um urro risível como é risível o grunhir dos surdos-mudos; que eles não me escutem. Eu sei que sou ridícula, você acha que eu não tenho autocrítica? Toda crítica que faço pro outro é na verdade... Isso você já sabe, pra mim. E vocês não têm a mínima ideia. Bagunceira, bagunceiro! O caminho é tortuoso, labirinteiro! Bagunceiro!

** Toca The Smiths, This charming man. Ela levanta e vai de encontro à Leopoldo.. Senta-se diante dele. O CORO choraminga enquanto ela fala:*

PSICÓLOGA - Leopoldo, je ne pense pas pouvoir le supporter aujourd'hui, Leopoldo! Je veux, je n'écouterai rien de ce qu'on me dit, je finirai par pleurer! (mensonges, gémissements, gicler) - Et ils comptent tellement sur mon intégrité, je ne peux pas manquer, je ne peux pas manquer! Je suis un faltorítma d'un algorithme de photosynthèse, imposteur, je suis un diplômé de charlatan, je sais qui je suis, Diplomat Charlatan!

LEOPOLDO (simultâneo) – Ela está falando comigo, o psicólogo da psicóloga. Leopoldo, hoje eu acho que não dou conta, Leopoldo! Eu quero colo, eu não vou ouvir nada do que me disserem, eu vou acabar chorando! *(deita, choraminga, esperneia)* - E eles contam tanto com a minha integridade, eu não posso faltar, não posso faltar! Eu sou uma faltorítma de um algoritmo da fotossíntese, impostora, sou charlatã diplomada, sei quem sou, Charlatã Diplomada!

** Acaba a música. Entra Magritte.*

MAGRITTE - Oi.

PSICÓLOGA - Oi. Tudo bem, Magritte?

MAGRITTE - Não.

PSICÓLOGA - Hummm... O que aconteceu? Me conta.

MAGRITTE – Anteontem fui à contragosto na festa de uma amiga do colégio, dessas que você não se afasta por pena, dessas pessoas medíocres que fazem amizade com seu cachorro e depois não largam do seu pé; e tanta gente superficial que tive vontade de cuspir em seus rostos, mas me segurei até ontem, quando por coincidência do demônio encontrei com ela no meio da rua.

PSICÓLOGA – Calma. Deita aqui, toma um chá.

**Magritte abre a porta de vidro, acende a luz e sai pela porta da sala. Dá a volta por fora, entre as plantas e entra pela porta de vidro. Caminha pela sala, pára, arranha a garganta e cospe no chão. Vai até o próprio cuspe, vê se aquilo caiu do céu, olha ao redor, arranha a garganta e cospe para outra direção. Vai até o segundo cuspe, arranha a garganta e fala.*

MAGRITTE - Me pica la cara, me pelizca el brazo, me despierta temprano, eu sou um pelicano. Minha boca é de aquário, minha lua é em peixes, minha pança pede rango. E mergulho e nado e plano. *(caminha até outra direção, arranha a garganta, olha para alguém do público, cospe nessa pessoa)*

MAGRITTE - Desculpe, não era para pegar em você.

**Psicóloga se desconcentra, sai pela mesma porta que Magritte saiu e aparece pela porta da varanda, continuando a se consultar com Leopoldo.*

PSICÓLOGA - Eu posso deixar de ser tudo aquilo que eu achava que eu era. A refazer. De mim despencar fachadas, sobrados tombados. Miro mas miradas, sou máscara máscara, cala tudo aquilo que eu sabia que eu era, o que fui e o que sendo. É tudo verdade. É tudo real. É tudo possível. Sou uma charlatã diplomada, é isso que eu sou. Uma charlatã diplomada.

**Psicóloga volta ao seu posto e acende as luzes.*

MAGRITTE - É isso, acabou.

PSICÓLOGA – Só isso? E como foi o seu dia ontem? Seja mais específica. Não que eu não tenha prestado atenção, mas às vezes parece que você fala por códigos, metáforas sinistras.

MAGRITTE – Eu tenho problemas.

PSICÓLOGA – Sim, eu percebo.

MAGRITTE – Ontem tive um dia estranho, no meio da chuva, como disse, encontrei minha amiga e discuti...

**Psicóloga apaga a luz e novamente dá a volta pela varanda.*

PSICÓLOGA – Ontem estava me perguntando por onde anda minha irmãzinha. Tem gente que simplesmente se perde de você como a sua dignidade depois de ligar para um ex num sábado de embriaguez. Depois dos meus cachorros, é dela quem sinto mais falta. Eu gostava muito dela quando éramos irmãs, me dói o peito pensar que ela pode não estar sequinha e confortável numa noite chuvosa como são todas as noites às vezes.

**chove. Psicóloga e Magritte saem de cena. Entra IMAGÉTICA.*

IMAGÉTICA - Nasci sem os olhos por conta de uma doença rara que tive enquanto feto. Na verdade, chama-se má formação, ou formação maligna – que é uma formação diferente da habitual e, por isso, a depender da linha filosófica nem é considerado doença. É um estado. Tanto que nem posso dizer que nasci sem os MEUS olhos, já que nem sei o que são olhos, bem como nunca tive maxilar e mesmo os dentes poucos que nasceram na parte superior disto que nem se pode chamar boca, no céu da boca me nasceram tortos. Toda vida conheci como casa o que nem diriam ser hospital, dado o alto grau específico dos centros em que fui estudado. Mantido vivo mais por curiosidade do que por clemência, mas não duvido que sobrevivesse

mesmo numa sarjeta. Eu sou uma caveira oca e dizem que Deus também habita em mim. Eu sou a Consciência Cósmica, como dizem, insistem que também sou. *(sorri)*

Tal era a vida fora do bem que eu levava em Gien, cidade onde os animais estão resignados. Minha mãe passava sem reclamar várias calças ao mesmo tempo enquanto eu ria para preencher o silêncio. Eu dizia a mim mesmo: “Tenho que falar disso um dia a outrem, se eu achar!” Essa cena durou doze anos inteiros até o dia em que o acaso veio subitamente nos interromper. Eu não sabia mais se era a Deus ou a duas palavras para falar: “sol” e “dó-ré”, “dó” e “doer”. Um dia eu me vi cair tão baixo que eu não tinha mais força para me inclinar diante das coisas mais altas: nem mesmo energia para resistir em prostrar cotidianamente diante de tudo, qualquer coisa, qualquer som emitido por objetos lançados. Para alguém recém-chegado, eu dizia que sua passagem me parecia já longe. Teria sido melhor ao invés de Deus, eu rezar a uns bichos para que fossem mais baixos que eu. Os galopam, os que fundem, todos os que passam só nas duas patas! Há no fundo do mundo um olho de verdade que vela quando não visto: não posso vê-lo, prefiro rezar aos bichos que passam no alto. Ervas, pedras e raminhos, é a vocês que confio a guarda em pensamento da imagem que ficou em vista de meu corpo imbecil. Poeiras da rua, restos de fósforos, pedacinhos minúsculos, coisas do talude, listras, barbantes de rebotalhos usados e caídos, pedaços de coisas dos objetos de queda, escamas, parafusos pequenos e pregos, pedacinhos minúsculos soltos do todo, fragmentos do que, ser da sarjeta, seres do talude, seres do solo, da rua, dos bosques, coisas do baixo que vive no chão pisoteando, recebiam de minhas mãos minha boca e minha palavra. Tomem. Nunca uma coisa daqui recebeu a vida como cadáver. Então eu juntei com meus dedos a coisa inerte dos vivos e a enviei comigo em prece pro lugar nenhum, só com um som de bico, para que ela se juntasse a mim no espírito com aqueles que são, e com aquele do homem levando o tempo em seu espírito. Eu rangia, burilava, urrava, rugia, gralhava, rosnava, concoalhava, dodelissava, ulava, estrudulava, bulbulava, uissava, susserrava, clarcassava, crocitava, arrulhava, piava, esplalava, chamava no chão todas as coisas de seres. Não se via nada, mais tudo se mexia. As estrelas curtas viravam suas bordas em quatro minutos. Trocava-se de céu a cada quinze minutos, primeiro praguejando, depois a gente se acostumou. A enfermeira a cada terço anunciava nossas posições no rádio. Pelo vigia eu não ouvia nada: a cidade inteira continuava pensando que ela estava toda reapagada, em cem mil milhares de bilhões de bichos apagados, em luzes que caíam em chuva escura, em quilowatts de pilhas de filas de faradays, que caíam em noite escura, sobre nossos olhos cobertos, sobre nossos rostos de incrédulos. Deitado eu inclinava a minha cabeça pra dentro simplesmente para ver o ser, eu lhe dizia, malcrédulo que ele era: “Ser da Constelação do Cão que Urge, Campeão Estelar e Sumário Navegador, eis você agora dentro de mim nos meus dois buracos dos olhos mantidos em enxárcias; esse mundo está em você mesmo fora de você suspenso fora de você por um fio: não apareça!” Depois eu esfreguei meu pensamento um contra o outro e me calei um minuto ao ver a centelha e esperando que ele fosse. Depois eu esfreguei meu pensamento um contra o outro até virar areia pra usar pra tentar acreditar e ver dentro do buraco negro. Eu só tinha cinco anos e na minha cabeça de criança burramente nenhuma ideia que aparecesse feita como as outras, não tive mais força até o final da minha cena pra dizê-la.

**Imagética senta-se mais à frente. Psicóloga se aproxima e a encara docemente.*

PSICÓLOGA – Fala, querida irmã.

IMAGÉTICA - Sempre quis ver do outro lado que aqui como é feito. Se os pedaços dali também são de quê. De tubos de pedacinhos de quedas de tijolinhos e como é quando não se está ali. Vivi minha infância nos taludes de ortigas bosqueadas; a adolescência em Herbie-Sul, a vida ativa na picardia e a idade adulta nos Pénibles-Senilidades. Eu não queria nem provar nem conceber mais nada pra nenhuma carne nem fruta desse mundo, nem fora dele, nem introduzir nenhum vivo, nem viver na impressão de não ter sido colocado pra assistir a nenhuma vida, nem colocado

numa carne item, nem ter visto toda a terra ter sido dividida em espalhadas de objetos no chão fora das razões, fora das estações. Levantam-se, pedras dos pedregulhos, coisas dos taludes na glória falando. Um animal acaba de lhes falar por precaução antes de se calar. Ao invés de ser coisas como vocês ele prefere nascer no cadáver onde ele vive” Tive quatro tempos sem saber o quê, Quatro tempos tive, são meus. Passei a infância nos espasmos; A adolescência nos miasmas; A velhice em vanidades e a vida adúltera nas presepadas. Hábito o meu corpo vivo de palavras como as coisas de tua glória habitam o espírito das coisas mais fracas. Elas sobem com você para ser comigo como os minúsculos dejetos caíram nesse talude.

**Imagética levanta-se e passa a correr em círculos. Em determinado momento sua irmã aconselha:*

PSICÓLOGA – Pega a bicicleta, querida irmã!

**Em determinado momento todos arremessam flores coloridas e posteriormente papéis prateados sob o efeito de um ventilador.*

IMAGÉTICA - E muitas outras coisas face ao talude adverso do outro logo depois da queda de bicicleta derrubado oito vezes por um cachorro preto-amarelo-verde, numa bela manhã vinte e seis, lá pelas vinte e sete horas, no primeiro dia do final de setembro nas interseções malencontradas das estradas nacionais vaticinais oito e dois. Diante de meu pai desmaiado num dilúvio que caía. Caído pela chuva e partido em dois raios de uma roda e meia desmaiada. Entre tanto guidom moderadamente pouco torto. Oito dias de reparaturas com Nopel. As polícias me vendo no chão e sangrando abundantemente, me largaram: “João Passageiro n.3, acidentado num veículo surpreendido em erro, não se mexa! Espere! Deus decidirá a sua sorte quando repassar por aqui por engano”. Entendi sem flagrar e apertei meu freio. Criado em matéria viva na cidade de A à Z onde essa cena me esperava, introduzi outros vivos: para cada objeto em mal manipulado ou para coisas quebradas por bem, a família completa me exibia nos seus passeios ao longo do Mapa, ao longo Boulevard de Annamassa em Annamassa. Eu era o mais recente esquálido falso marmanjo designado deles. Cartaz com nome trazia meu pescoço: “João da queda das coisas, criança de ação cômica, Falso predicado de nome, e não Irene Nenni, como meu nome atributo”. Eu era criança e ainda me perguntava quem iria dormir no lugar de mim quando não se seria mais. “ Nenhum homem nascido foi feito pra ser, mas somente para permanecer no seu buraco de ideia.” Tais eram os pensamentos que me saíam por rajadas na minha cabeça já toda enfumaçada. Estão ouvindo meus lobos, meus animais, meus peixes? Os animais aos quais eu entoava todas essas línguas só respondiam soliquando e arfando, franzindo o focinho, e sabotando todas as minhas perguntas com perguntas cada vez mais piores e repostas para além das vistas de homem. Se crianças, ou animais nos perguntassem o que segue, nós lhes responderíamos depressa com grandes sinais que não. No dia seguinte, no mesmo estabelecimento, como jovem re-ataco aqui-desafinado o salmo 110, não de Davidus Rex, mas de Jacob Delafon. “Protegida do mundo! Apoiada em seu penhasco! Minha cabeça é um junco! Cujo o buraco é de aço!” O dia depois de amanhã caiu em cima da gente em plena cidade. Era de manhã cedo, e eu tinha me tornado subitamente manutencionista numa federação em Luzarge. A manhã estava linda e eu assobiava a melodia. “Antes que sejam seis horas no firmamento; Devo jogar no rebotalho; Devo jogar tudo no excremento; Antes que sejam seis horas no caralho.” O humor estava bom, meus companheiros de pensamentos eram Marcel Perdedor, Gérard Gigante e Marcel Eu Mesmo. Eu descartava durante todo o trajeto, dizendo: “Tanto mais vejo o mundo, mais detesto idem o conjunto quanto cada parte do total”. E eu procurava nessas palavras uma melodia idiota que coubesse. Chegando ao bloco oito ouvi cinco gritos saírem. Uma decisão estava tomada: eu ia bater na direção na porta da direção.- O senhor deseja um aumento? – Não, não, um desconto, pois sou dito o João que perde seu tempo, que perde seus números que perdem as cifras, ele que odeia, ele que se evita eu mesmo dia e noite.- O senhor deseja mudar de nome? – Não, não, já me detesto eu mesmo por demais. O que poso

pelo senhor? Faça com que essa cena termine! No dia seguinte eu decidi interiormente que quando se levantasse o dia seguinte nada que não se parecesse mais comigo, não apareceria mais na superfície das nuvens. Se alguém entrasse, eu lhe compraria um chapéu com uma cabeça de animal pra que ele saísse. Quem está entrando? É ninguém, é Sebastião de flecha de nada, lapidado com plumas em Saint-Étienne; é um Estafanês todo feito de madeira, feito a pouco, é meu primo Girod. Já vai fazer muito tempo que a gente não via vocês desde que vocês saíram da cena seguinte! Cala a boca menino, estou com dor no bus. Fala de novo Epidemia, da tua cidade de Epidemia! O que você viveu em Saint-Étienne? Não vivi nada, foi por lá que encontrei o santo menino com seis parietais segurando o globo do mundo com tampa e um ramo de bonde no lugar do espectro. Eu o vi na praça do museu da Antiga Mina, estacionado durante oito horas debaixo de uma chuva deslumbrante. Resisti durante oito horas na frente sem atravessar. Em consequência do que, em consequência do que, em consequência do que, em consequência do que descobri ter uma caixa quadrada pro cabeça e minha pessoa dentro que leva ordens e danças a todos os seus membros que obedecem. Como consequência do que, com consequência do que, como consequência do que sem ver no centro de maus pensamentos que se escondiam ali, atravessei o mundo levando canções animadas, ruminei aqui e ali que eu era eu. Até essas estadias em Lozère, região onde tudo é revés e para onde volto de quando em vez. E você? O ano seguinte chegou como de costume e meus antecessores se sucederam na mesma velocidade que seus predecessores. Essas duas gentes são teus parentes? Não de forma e maneira, só priminhos pelo traseiro. E você? E eu soube ser quem sou. E você? Eu sou teu cego que você trouxe pra cá. E VOCÊ?

**Neste momento Magritte acende a luz do apartamento de sua casa. A cena abaixo tem o seu início simultâneo ao meio da cena anterior. Quando Imagética deixa o guarda-chuva ao chão, as duas rapidamente tomam o centro da cena e se apossam dele. Antes disso, entram no palco e giram diversas hastes do teto com a finalidade de dar o efeito de chuva. Quando Imagética se senta, continuando o seu discurso, alguém despeja sobre a sua cabeça toda a interminável água de um regador.*

MAGRITTE (entra e pega o guarda-chuva, se abriga em baixo dele)

MONALISA (entra, cumprimenta a MAGRITTE e também se abriga em baixo do guarda-chuva com a amiga)

MAGRITTE - Curioso a gente ter se encontrado ao acaso. Você me desculpa por ontem?

MONALISA - Por ontem? O que aconteceu ontem?

MAGRITTE - Ah! Você não lembra? Aconteceu nada, eu que sou impressionada. Ontem foi um dia ótimo, foi uma noite linda ontem. Foi sim.

**Pára de chover*

MONALISA - Eu vou indo, estou atrasada. Atrasada feito o coelho da Alice. Fica com Deus, tchau.

MAGRITTE- Tudo bem, a gente se vê depois. Eu sou ateia. Tchau.

**MONALISA vai embora. Antes de sair completamente pausa por dois minutos. O CORO lança sobre a sua cabeça gotas de chuva. Ela volta.*

MONALISA - Espera. Eu acho que me lembrei do que aconteceu ontem...

MAGRITTE- Lembrou?

MONALISA - Sim. Lembrei. O que te deu na cabeça pra fazer aquilo com meus amigos?

**Ao sinal da deixa de Imagética...*

MAGRITTE - Vamos pra minha casa?

**As duas atrizes dão dois precisos passos para trás*

MONALISA - Tá escuro aqui!

MAGRITTE - Eu vou acender a luz.

**Magritte acende a luz, as duas se sentam, o chão está cheio de papéis picados. Ela começa a varrer e limpar a bagunça.*

MAGRITTE - Não repara a bagunça, eu esqueci a janela aberta.

MONALISA - Então, me explica. Era o meu aniversário, o meu dia. O que te deu na cabeça?

MAGRITTE - Eu te dei o melhor presente de todos, te disse a verdade.

MONALISA - Me expondo daquele jeito?

MAGRITTE - Não consegui me segurar.

MONALISA - Você não podia esperar e me dizer aqui hoje?

MAGRITTE - Eu não sabia que a gente se encontraria hoje. O acaso no meio da chuva...

MONALISA - Ontem era o meu dia. Eu sou uma adolescente feliz, brincando com meus amigos, o que te deu na cabeça?

MAGRITTE - Tava todo mundo junto, você foi generosa na bebida, menos na comida, nada na relevância. Um misto de tédio com alguma pitada de intenção de mudar sua vida pra melhor. Sabe como eu te vejo às vezes? Uma criança de cinco anos que caiu num rio turvo enfeitado de sanguessugas.

MONALISA - O que você disse?

MAGRITTE - E em todas as partes do seu corpo tem sanguessugas sedentas.

MONALISA - O que você está dizendo?

MAGRITTE - Em todas as partes!

MONALISA - Tá ficando louca?

MAGRITTE - Depende do ponto de vista, eu só disse que você era tão insegura que precisava reunir toda aquela gente para se sentir amada e feliz.

MONALISA - Isso. E me destruiu na frente de todos os meus amigos!

MAGRITTE - Eles não são seus amigos. O que te destrói é teu ego e teu apego à autoimagem.

MONALISA - Como não são?

MAGRITTE - Não. Eles nem gostam de você.

MONALISA - E quem gosta de mim? Você?

MAGRITTE - Claro.

MONALISA - Me chamando de insegura e infeliz? Na minha festa de aniversário? Me destruindo?

MAGRITTE - Eu só fui verdadeira com você. Quem te destrói é teu ego e teu apego.

MONALISA - E você sim é minha amiga?

MAGRITTE - Eles só estavam lá por causa da comida e da bebida, acabaram enlameando todo aquele espaço que você chama de sala.

MONALISA - Claro que não. Qual o problema com minha sala?

MAGRITTE - Não vi ninguém te dar um presente. Ninguém dizer alguma profundidade. Sua sala era um lago raso onde sapos saltitam sujos de lama.

MONALISA - Eu não ligo para presentes, só quero estar perto de quem me ama. Quem me trata bem.

MAGRITTE - Pois então, não seria com aquelas pessoas. Sapos de pernas longas e hálito de engole moscas.

MONALISA - O que você tá falando? Todo mundo me adora. O que você tá falando? Pelo amor de Deus.

MAGRITTE - Ateia!

MONALISA - Todo mundo que eu convidei, foi. Exceto quem não foi, mas me mandou um áudio.

MAGRITTE - A festa foi, praticamente – entenda a metáfora - no escritório atlético em que você trabalha com a boca escancarada cheia de dentes esperando a morte chegar. Todos que foram - contigo treinam, não teve nem intervalo entre o período de trabalho e o início da festa, não tinham como não ir. Quase pude sentir o cheiro do suor mal lavado pós treino. Escravos de mente e corpo movidos pelo álcool. Deixando seu escapamento feder poluído a cada dez minutos na minúscula varanda.

MONALISA - Como você é insuportável! O que é que você sabe sobre meus amigos que eu não sei? Isso é só uma implicância esquizofrênica ou eu estou andando com algum assassino sem saber?

MAGRITTE - Tudo o que sei, eu já disse ontem.

MONALISA - Até do meu técnico você falou mal, eu estou me lembrando bem?

MAGRITTE - Seu técnico é a própria comédia. Um homem que descobre que é corno e tenta assassinar o amante da mulher; pré-histórico. Como um bunda-mole que é, permanece incapaz mesmo como criminoso. Pela tentativa é preso, na cadeia conhece a droga e se vicia em crack, para se livrar do vício se entrega pra Jesus e doa todos os seus bens para a igreja Evangélica. Quando liberto se vê na miséria, volta ao crack e perde uma perna atropelado pelo carro da polícia numa noite de sopinha pra nós. Agora te pergunto, não era melhor ser corno? Agora é ex-detento, miserável, viciado em crack, anda pulando pelas ruas da cidade com uma perna só e um cachimbo na boca, e continua corno. Sofrimento não tira chifre.

MONALISA - Vai continuar me massacrando?

MAGRITTE - Era sobre seu técnico, não sobre você. Apesar de que é uma carapuça com tua medida já que ele reveza o bastão entre você e sua maior rival, a Fernanda. Cada qual em uma muleta a disputa é acirrada para levar sua perna restante à linha de chegada. Amiga, você é muito superficial.

MONALISA - Como assim? Você não tem fim?

MAGRITTE - Só estou te dizendo isso porque eu tenho zelo por você.

MONALISA - Você está me tirando do sério.

MAGRITTE - Você mal conhece aqueles que beijam teus lábios.

MONALISA - Todo mundo me elogia, todos curtem as minhas fotos, me abraçam, me beijam, me dão paçoca. Você é a única estranha, Deus me livre.

MAGRITTE - Respeita meu estado laico!

MONALISA - Você também está grávida? O que você está dizendo?

MAGRITTE - Amiga, você é muito superficial.

MONALISA - E você é muito profunda. Porque é gorda!

*Silêncio

MAGRITTE - Sabe, a minha psicóloga me disse que é importante aprender a preencher o nosso vazio interior. Sobretudo depois que você abortou seu feto, não é um excesso de vazio?

MONALISA - Eu te odeio!

**Monalisa voa em cima do pescoço de Magritte, ela vai estrangulá-la*

MAGRITTE- Calma amiga, calma! Era uma pegadinha. Eu sou da zoeira, fica calma. Vou tocar uma música para harmonizar o ambiente. Calma amiga, sou zoeira. O entendimento é o maior veneno. Na superfície ninguém te engole.

**MAGRITTE toca uma música zen. Como num passe de mágica, Monalisa sai e a Psicóloga retorna.*

PSICÓLOGA – E daí?

MAGRITTE – Como é daí? Você não entende meu drama, psicóloga?

PSICÓLOGA – Desculpe, não quis dizer E DAÍ, quis dizer E ENTÃO. O que aconteceu depois?

MAGRITTE – Ela se acalmou e foi embora, como num passe de mágica. Ela é atleta, os anabolizantes mexem muito com seus hormônios, não se pode dizer quase nada sem que ela te ataque. Por outro lado ela pratica yoga e diariamente faz reprogramação mental enquanto dirige. Algumas músicas funcionam como uma hipnose pra ela. Ela simplesmente tira as mãos do seu pescoço e vai embora.

PSICÓLOGA – Entendo... Mas o que tem a ver o técnico dela, o aborto... Porque essa miscelânea de assuntos?

MAGRITTE – Se trata de fofoca, quer que eu exponha a vida da minha amiga?

PSICÓLOGA – Eu quero entender o porquê você tenta ofender as pessoas lembrando suas tragédias pessoais. Se é que elas existem.

MAGRITTE – As tragédias existem.

PSICÓLOGA – Me refiro às pessoas.

**Entram em cena Monalisa e seu técnico Jefferson.*

MONALISA - Falta muito? Ei, você tá aí? Tá acabando? Me responde, poxa! Quanto que falta?!

**Segue chamando por um tempo, até que Jefferson aparece com apenas uma perna e se locomovendo com muletas. Ele fala em inglês.*

JEFFERSON - Menos de um minuto, Monalisa!

MONALISA - Não é possível!

JEFFERSON - Baixa essa bundinha, Monalisa!

MONALISA - E agora falta muito?

JEFFERSON - Assim a Fernandinha sobe lá no...

**Monalisa desaba no chão.*

JEFFERSON - É só falar na Fernanda que você desaba.

MONALISA - Foda-se a Fernanda!

JEFFERSON – Mas hoje eu estou com você...

**Os dois se olham. Silêncio constrangedor.*

JEFFERSON - Minha gata, meu gostinho de minhau, o que tá acontecendo com você hein? Cadê aquele seu fogo que eu gosto?

MONALISA - Tá acontecendo nada não. Eu tô é exausta!

JEFFERSON - Tá exausta há 3 meses? Teu último recorde pessoal foi em janeiro!

MONALISA – Então são 6 meses, estamos em julho.

JEFFERSON – Eu não sou matemático, porra!

MONALISA – De qualquer forma não é tanto tempo, um atleta profissional não bate seu próprio recorde todo ano.

JEFFERSON – Mas você não é profissional, a gente disputa as olimpíadas condominiais do centro de recuperação da Tijuca e o seu último recorde foi logo depois de uma overdose, é preciso melhorar este tempo Monalisa, ou eles tiram a bolsa VIDA LIMPA!

MONALISA - Eu sei, eu sei. (*silêncio*) Tô com medo de ser pega no antidoping, porra! Eu tô tomando aquele negócio que você me passou. Você disse que seria bom pra minha carreira.

JEFFERSON - Tá tomando não, parou né?!

MONALISA - Parei tem 3 dias só.

JEFFERSON - Era para ter parado há 2 semanas, você tá louca?

MONALISA - Você não me disse isso. Disse que ia ser bom pra minha carreira!

JEFFERSON – Eu te disse que era uma carreira da boa, você tá maluca? Desde quando cocaína é bom pra carreira?! Você tá no mundo da lua mesmo, te falei várias vezes.

MONALISA - Não falou, cara. Eu não tinha nem que estar usando esse negócio. Você disse que era levinho.

JEFFERSON – É levinho pra mim que era viciado em crack. Todo mundo *USA*, sem ele você não chega nem em último. Mas tinha que ter parado, tinha que ter parado!

MONALISA - Tu tem que me ajudar a sair dessa! Foi você que me meteu nessa furada de usar essa porra. E a minha carreira, cara?

JEFFERSON – Tem um restinho aí?

MONALISA - Se eu for pega, já era! Sem essa bolsa eu fico fodida e mal paga, tu sabe disso. Você precisa me ajudar.

JEFFERSON – Eu sei disso, eu vou ajudar você. Pra mim você é como a minha perna direita.

MONALISA (emocionada) – Eu substituo afetivamente o seu membro amputado?

JEFFERSON – Digo literalmente como a minha perna direita, não me serve pra nada. Mas fica calma que eu vou falar com o Carlinhos da Federação, de repente não vai ter teste, de repente não vão testar essa substância.

MONALISA - Cê tá louco?! A Federação oferece uma bolsa atlética para ex-viciados permanecerem limpos, você acha que eles não vão testar cocaína?

JEFFERSON – Tem umas treta, tem umas treta. Eu tenho um parça no senado. Ele é da zoeira. Enquanto isso você vai fazer xixi num potinho e trazer no dia da competição.

MONALISA – Vou trazer meu próprio xixi num potinho?

JEFFERSON – Podia ser pior que xixi, podia ser pior... Vou ligar pra Carlinhos.

**Jefferson sai, Monalisa telefona para uma amiga.*

MONALISA – Magritte, aconteceu algo horrível, eu não sei o que fazer. O Jefferson desconfiou de alguma coisa, minha cabeça está distante, e pra disfarçar eu inventei que estava preocupada com o antidoping, aquela velha história das drogas. É verdade, eu usei, mas eu não estou preocupada com isso, eles nunca descobrem, o exame antidoping é feito numa clínica do Sus. O problema é que eu não tenho mais como esconder a gravidez. Ele me pediu pra trazer meu xixi num potinho. Ou eu coloco o pé pra ele tropeçar e cair de cara na urina do potinho, ou... Adianto meus planos. Não posso ter um filho com alguém que não confio... Não porque seja um ex-viciado em crack, além de ser amputado. Se fosse só isso ainda tinha uma chance de regeneração. Mas é que ele é homem, né?

**Sai Monalisa. Entra Leopoldo*

LEOPOLDO – Desculpem, quando medito às vezes enfio os pés numa fruta gosmenta e compartilho convosco. E às vezes eu só estou cochilando. É, cochilo às vezes. Mas ainda se trata da minha meditação recriando uma consulta de alguém que conheço.

TODOS – Sim, este é Leopoldo meditando. Muitos aproveitam este momento para resolver seus pequenos problemas. Se distanciar dos seus grandes vícios. Reorganizar seus pensamentos bagunçados. Mirabolar presentes para entes queridos.

LEOPOLDO – Eu prefiro imaginar a consulta ao Psicólogo daqueles que mal conheço. Eu gosto de imaginar as cenas em que existe choro. Mas cansei dos enterros e casamentos. Com a prática a gente se especializa.

TODOS – Às vezes eu saio de casa e percebo que nada faz muito sentido. Alô comunidade. Eu sou da zoeira.

**Entra Psicóloga pela varanda.*

PSICÓLOGA – Ma sœur méritait de ne plus être prise dans les bras de la folie, prise dans le froid nœud de l'incompréhension, cachée dans ma médiocrité, perdue dans une modernité sauvage, engloutie sous la pluie comme un biscuit de pépites, pour fondre. Je ne le dirais jamais à voix haute, mais Magritte est un patient que je tuerais. Elle insiste pour ne pas être médicamenteuse, et honnêtement, mon éthique professionnelle m'a empêché d'inventer une pathologie autre

que les communes. Le fait est que j'aimerais le recopier d'une bande noire différente de la bande conventionnelle. Un ninja ceinture noire qui était un tueur, un cumin avec un coup de pied, un coup de foudre dans une vallée désolée. Parce qu'elle me rappelle ma mère dans sa jeunesse. Elle a les dents et les paroles de ma mère dans sa jeunesse. C'est vrai, je pouvais ressentir de l'affection et faire tout pour l'aider. Peut-être que mon psychologue n'est pas si bon, Claudia.

LEOPOLDO - Minha irmã merecia não estar agora enredada nos braços da loucura, presa com o nó frio da incompreensão, escondida da minha mediocridade, perdida numa modernidade selvagem, engolida na chuva como um biscoito de polvilho, a derreter-se. Eu nunca diria isso em voz alta, mas Magritte é uma paciente que eu mataria. Ela teima em não se medicar, e sinceramente, minha profissional ética me impediu de inventá-la uma patologia diferente das comuns. O fato é que eu adoraria receita-la um tarja preta diferente do convencional. Um ninja faixa preta que fosse assassino, um cominho com chumbinho, uma descarga de relâmpago num vale desolado. Porque ela me lembra a minha mãe na juventude. Ela tem os dentes e os ditos da minha mãe na juventude. É verdade, eu poderia sentir afeto e fazer de tudo para ajuda-la. Talvez o meu psicólogo não seja assim tão bom, Leopoldo...

**Sai Leopoldo, entra a FILHA. Vemos uma memória.*

TODOS – Por favor, não viaje. Esta é uma memória da Psicóloga enquanto ouve os relatos da sua paciente que lembra sua mãe. Na verdade tudo isso advém da imaginação de um meditador. Medita a dor, é o que ele faz. *Não vá para Nova York, amor, não vá...* Por favor, não viaje, esta é uma memória.

**A filha está sentada no chão com os braços erguidos sobre os ombros e suas mãos acima da cabeça amarradas em uma corda presa à parede ao lado da porta. A atriz que interpreta a filha está de joelhos e tem sapatos na frente dos joelhos, como se aquela fosse sua altura. Ela tem uma voz caricaturalmente infantil. A MÃE chega:*

MÃE – Camelot, o que isso significa? Quem te prendeu aí?

FILHA – Eu mesma.

MÃE – Porque diabos você está amarrada a um tronco esperando o açoite ao invés de estar na escola?

FILHA - Ontem quando cruzamos com o menino trombadinha que S. João prendeu a sra. não pareceu tão chocada. Passei mal e vim pra casa.

MÃE – Me respeite, mocinha! Aquele garoto não é meu filho! E você não é ladra! Por falar nisso eu notei que sumiram R\$10,00 de minha bolsa...

**A Filha olha para o lado inverso, constrangida e sem resposta.*

MÃE – Você sabe quanto custa uma escola pra você estar perdendo tempo amarrada a um tronco?!

FILHA – 30% do seu salário em imposto! E eu não quero mais ir pra escola, está me matando! Eu vou ficar aqui, é meu protesto! Eu só volto quando você me deixar fazer teatro, eu quero ser atriz. Aprender a fingir minha felicidade de tal modo que eu mesma me convença dela.

MÃE - Essa que você está fazendo já é uma cena e tanto, não? Parabéns! Eu só lhe digo uma coisa Camelot, no Brasil a escola é como a vacina da poliomielite, é amarga e dolorida, mas sem ela teu futuro é torto!

TODOS – Zé gotinha.

FILHA - Não se faz de cínica, mãe. Você sabe que aquilo é um fim de mundos. Um abatedouro. Fica-se enfileirado, olhando nucas, meu corpo dói de ficar tantas horas sentada, parada naquelas cadeiras frias. Aquela luz fria, o chão é frio, paredes frias, é um frigorífico! Se interajo com os colegas é desrespeito e se busco uma posição confortável nessas malditas carteiras é falta de educação. São grades e quadros para todo lado! Estão me julgando o tempo todo. Ansiedade e desconfiança constroem minha presença naquele abatedouro que chamam de escola! É nosso treinamento para sermos bons cordeiros? Eu sou vegana! Se é só um teste é bom que eu não passe! Não estou aqui para ficar mugindo.

**Entra a Psicóloga*

PSICÓLOGA– Oi, cheguei! Vocês já almoça... O que aconteceu? É sério que você amarrou a Camelot na parede, mãe?!

MÃE – É claro que não Sofia, não faria isso nem a uma órfã. Sua irmã está protestando contra a escola. E contra as vacas que mugem.

FILHA – Eu não saio daqui até combinarmos que eu não volto mais lá

PSICÓLOGA (desinteressada) – Ah... Eu vou fazer o almoço.

**A Psicóloga sai para a (cozinha) lateral.*

MÃE – A escola é importante minha filha, você não entendeu a metáfora da vacina? Sabe quem agiu assim como você e hoje está colhendo o que plantou? O nosso vizinho!

FILHA – O Robertinho que anda de cadeira de rodas porque teve paralisia infantil?

MÃE – Não, menina, de onde você tirou isso? Digo o S. Roberval, o jardineiro. Ganha mal, come mal, mora mal, dorme mal, transa mal...

**Mãe e Filha se entreolham com leve constrangimento. Psicóloga volta com almoço, serve na mesa.*

PSICÓLOGA - Olha o almoço! Vamos todas comer juntas?

FILHA – Só saio daqui quando não precisar mais sair daqui... Para ir pra escola.

MÃE – E vai fazer jejum forçado, garota? Vai começar a carreira de atriz pela pior parte?

FILHA – Prefiro agonizar insone do que não seguir meus sonhos. Você tem olheiras profundas, mamãe.

**Silêncio*

MÃE – Sabe qual foi meu sonho? Ter duas filhas lindas e preciosas como vocês!

**As duas se entreolham*

PSICÓLOGA – Ah mãe, além de nós você nunca teve outros sonhos?

MÃE – Uma medalha de ouro nas olimpíadas de inverno, eu era patinadora artística. Mas tem sonhos que engolem outros feito baleias entre os atuns.

PSICÓLOGA – Conta dessa baleia pra nós. Como você conheceu nosso pai?

MÃE – Não quero falar sobre este assunto.

**Em formato de memória assistimos a cena que se segue. A MÃE caminha para a frente do palco onde entra Jefferson. As filhas permanecem como estátuas no fundo. MÃE está no mercado escolhendo mercadorias nas prateleiras quando Jefferson a avista. Toca BRASIL PANDEIRO.*

JEFFERSON – Com licença, poderia me ajudar? Esse mercado é muito grande e estou meio perdido. Sabe onde encontro comida de cachorro?

MÃE – Claro! Me acompanha... É aqui nesse corredor! Qual idade do seu cachorro? Ele já abocanha um bom pedaço de carne?

JEFFERSON – É um filhote ainda.

MÃE – Olha essa aqui, também serve pra gatos.

JEFFERSON – É essa mesma a que meu cachorro gosta, GOSTINHO DE MINHAU.

MÃE – Olha só a transmissão de pensamento. É essa que sempre compro, eu tenho dois gatos.

JEFFERSON – Sapecas, imagino (sorri).

MÃE – Como?

JEFFERSON – Gatos sapecas. (fica levemente constrangido) Coisa de gatos. Eu sou Jefferson, a propósito.

MÃE – Eu sou Rosa Lidiane.

JEFFERSON – Precisando de um jardineiro, Rosa Lidiane? (ri) Brincadeira, eu sou da zoeira. Você mora por aqui?

MÃE – Sim, moro ali na João Alves!

JEFFERSON – Que coincidência, eu também! Moro no número 63

MÃE – Ah que coincidência eu moro no número 62. Sempre achei aquela casa ali em frente muito abandonada, jardim sem vida!

JEFFERSON – Eu acabei de me mudar! Vim de Belo Horizonte. Ainda estou um pouco perdido, aqui é bem grande! Você me ajuda a me encontrar por aqui?

MÃE (animada) – Agora?

JEFFERSON (ríspido) – Claro que não, pensei qualquer dia desses. Mas você está livre agora?

MÃE – (sorri) sim, estou.

JEFFERSON – O que acha de tomarmos um sorvete?

**Jefferson sai de cena e A Mãe volta à falar com as filhas.*

MÃE – A verdade é que dependendo do pai de vocês seriam as duas órfãs. E sobre esse assunto o silêncio vale ouro.

PSICÓLOGA – Como a sua medalha olímpica. Vou lavar os pratos. (sai)

MÃE – Acabou-se a minha paciência, Camelot, vá ajudar a sua irmã a lavar os pratos. Ela cozinhou, todo mundo comeu, você lava.

FILHA – Mas eu não comi nada, estou com meus braços atados. Tão forte que estão roxos.

MÃE – Desamarre os braços por um instante, Camelot, ajude a sua irmã a lavar os pratos e depois volte a prender suas circulações.

FILHA – É injusto eu lavar os pratos que não sujei.

MÃE – É injusto sua irmã cozinhar a comida e lavar os pratos só porque não prendeu as circulações a ponto de precisar amputar os braços a qualquer momento.

FILHA – E você, não comeu?

MÃE – E quem comprou a comida e os pratos?

FILHA – E porque você é dona dos meios de produção usa isso como justificativa para escravizar famintos inocentes presos pelos braços?

MÃE (nervosa) – Está acabando a minha paciência Camelot!

FILHA (seguindo o tom da mãe) – Está acabando o meu sangue nas mãos, mamãe!

PSICÓLOGA (voltando) – Porque vocês estão gritando?

MÃE (gritando) – Porque você precisa de ajuda com os pratos!

FILHA (gritando) – Porque eu não tenho circulação nas mãos para lavar os pratos!

PSICÓLOGA – Acabei de lavar os pratos. Não briguem. *(vai até a irmã e a desamarra)* Camelot, eu vou te levar num curso de teatro se você prometer ir pra escola.

FILHA – Eu prometo ir pra escola se você prometer que ela vai deixar de ser um lugar de repressão e busca pelo mérito burguês da qualificação social através da hipócrita patente intelectual.

PSICÓLOGA – Eu prometo.

FILHA – E se a mamãe prometer contar a história real de porque nosso pai foi embora de casa.

**Psicóloga pisca o olho para a mãe.*

MÃE – Sim, minha filha, eu prometo.

**Voltamos a ver uma memória. No fundo, as duas filhas estão paralisadas. Jefferson está sentado no sofá quando A MÃE entra na sala. Toca Brasil Pandeiro.*

TODOS – Não vá para Nova York, amor, não vá... Esta é a meditação em que se imagina uma consulta em que enquanto a psicóloga escuta a sua paciente imagina a mesma enquanto sua insana mãe na juventude, quando sua irmã ainda não era louca e a mãe rememorava fatos ainda mais antigos. É uma memória dentro de uma memória dentro de uma história que é uma abstração dentro de um relato imaginado por um yogue amador. Ele ama a dor.

JEFFERSON – Quem é Roberto?

MÃE – Oi querido, tudo bem?

JEFFERSON – Tá chegando um pouco tarde, não? São 10 horas da noite, você geralmente chega em casa às 5.

MÃE – Sim, sim, tive que ficar corrigindo provas e orientando uns alunos, como o Roberto. Quem te falou do Roberto?

JEFFERSON – Você está orientando ele a quê, Rosa Lidiane?

MÃE – Não estou gostando desse seu tom de voz, Jefferson. O que você está insinuando? Ele é meu aluno de canto.

JEFFERSON – Como eu fui quando você me ensinou as artes da jardinagem? Um aluno de canteiros.

MÃE – Do que você está falando?

JEFFERSON – Você vivia comigo pelos cantos! Me ensinou a regar as margaridas e agora este jardim virou um cultivo de estrume, não seja cínica! Qual a idade dele?

MÃE – 17.

JEFFERSON – E ele pratica halterofilia diariamente e ainda não decidiu se vai fazer engenharia ou medicina?

MÃE – É, e daí?

JEFFERSON – E se eu disser que eu achei sua conversa com ele no seu celular?

MÃE – O que você estava fazendo mexendo no meu celular, Jefferson? Quando vão inventar um celular que se destrave apenas com a sua digital?!

JEFFERSON – Quando o fizerem ele vai custar o preço de uma moto e a vida de milhares de seres escravizados no Oriente. Não muda de assunto, Rosa. O que você estava fazendo na sexta-feira passada depois de sair da escola?

**A MÃE começa a chorar*

JEFFERSON – É.. Vocês foram ao cinema e depois para onde vocês foram?

**A mãe se senta no sofá*

MÃE – Você pensa que eu não sei que você usa peruca e usa seu carrinho sem capota pra flertar surfistas na orla? Eu sempre fui muita areia pro seu caminhão.

JEFFERSON –Agora que o caminhão vai embora você vai ser apenas um monte de areia sem serventia espalhada no asfalto. E lembre-se: Caminhão é apenas um caminho grande.

**Jefferson sai e A MÃE volta a atenção para as filhas.*

FILHA – As promessas devem ser fabricadas na China. Porque são feitas pra serem quebradas.

**Filha finalmente se desamarra e sai de cena. Permanece a Psicóloga e Magritte.*

PSICÓLOGA – Eu só queria que você calasse a boca e fosse embora, então eu poderia tomar alguma coisa que me fizesse dormir até um outro dia.

LEOPOLDO – Me fale sobre a sua mãe. Hoje, como ela está?

PSICÓLOGA – Um peso na minha vida. Você sabe como ela está.

TODOS – Precisamos esclarecer que você trabalha com Lidiana, ajudando Lidiana a rolar pelo mundo. Sua vida é Lidiana e mesmo quando merdita não sai de sua órbita.

LEOPOLDO – Cuidado, não quero que essa história passe a ser sobre mim, eu sou o narrador.

TODOS – E nós, o narrador do narrador. E as cenas são lembranças dentro de lembranças dentro de uma meditação. É preciso mastigar bastante antes de engolir. Quanto mais mastigar, melhor.

**Rosa Lidiana entra na sala ostentando 150kg representados por uma bola de pilates que se camufla embaixo de suas roupas. Ela respira com lentidão, se movimenta com esforço e se segura em hastes de tecido penduradas no teto. Caminha até uma cadeira.*

ROSA LIDIANA - Essas pessoas que vieram aqui hoje... Elas não merecem. Uma ou outra, talvez. Mas, a maior parte delas, são detentos. Eu os detesto. Eu, que desde pequena sonhei com alguma liberdade, agora sou obrigada, enquanto a diva, a ser perseguida por estes marginais do show bussiness. Show de horrores. Não sei como tantos idiotas autodenominados artistas investem seu tempo medíocre pra representar a vida de pessoas medíocres. Um simulacro triste da torpeza do homem. A elite desta merda de mundo só faz beber. E vomitar. E pede pra alguém vir limpar seu vomito alcoólico.

LEOPOLDO - Senhora, dez minutos e nós começamos, sim? Dez minutos. A senhora está bem? Não é hora de pararmos com whisky? Dez minutos é o suficiente para o seu descanso?

ROSA LIDIANA - Não! Largue meu copo! Em dez minutos eu me desmonto toda e faço esses tontos me aplaudirem de pé. Quero salgados.

LEOPOLDO - Vou pedir pra mocinha trazer uns salgados. Porque ainda não trouxeram seus salgados? *(grita por lado de fora)* Mocinha!

ROSA LIDIANA - Pare de gritar a mulher! Eu não quero salgado nenhum! Que inferno você faz em minha mente, parece que não sabe que gosto de meditar antes de entrar no palco. Porque você faz esse inferno, demônio?

LEOPOLDO - Calma, querida, não me trate feito uma escrava, eu mereço algum respeito. E a senhora precisa parar com essa mania de ficar tão nervosa antes do show. A senhora não era assim.

ROSA LIDIANA - Pare de dizer o que tenho que fazer, parece o meu antigo marido. Eu sempre lhe dizia: Eu não sou um de seus garotos de vinte anos, eu não preciso que você pague a conta da minha faculdade particular, seu patife!

LEOPOLDO - O que é isso? A senhora está amarga hoje feito uma perua velha.

ROSA LIDIANA – Isso era o que dizia o patife! E eu respondia: Sou mesmo velha, mas não preciso caçar garotos nas praças de bêbados, desfilando no meu carro conversível à 10km por hora mesmo sendo careca! Seu calvo de merda! Saia do meu camarim! Saia do meu camarim, canalha!

LEOPOLDO - Calma, não me ofenda mais! Eu saio!

ROSA LIDIANA -Saia!

LEOPOLDO - Devo lhe trazer os quitutes?

ROSA LIDIANA - Saia! Peça para que a mocinha os traga.

**Leopoldo vai até a porta e faz sinal para alguém pegar os quitutes. Psicóloga entra com bandeja de quitutes.*

LEOPOLDO - A sua mãe não pode ser contrariada, você sabe, você é psicóloga. Ela pensa que é uma cantora de ópera e está prestes a entrar no show. Você é a camareira humilde que faz todas as suas vontades. Você lembra o que aconteceu quando ela foi contrariada. Ela surtou.

PSICÓLOGA – Surtou e matou minha cadela. Ela surtou. *(chora)*

LEOPOLDO - Não deixe ela surtar de novo. Os cães merecem paz. E ela está com a pressão altíssima.

PSICÓLOGA – Eu sou psicóloga. Existe paraíso pro cão? *(chora)*

LEOPOLDO – Você é psicóloga. Não deixe o cão morrer. *(sai)*

PSICÓLOGA - Aqui estão seus quitutes, senhora.

ROSA LIDIANA (quase cochilando) - Como?

PSICÓLOGA – Os quitutes, madame. Aqui tem coxinhas de frango, risoles e empadinhas de atum. A senhora tem bebida no frigobar, não tem?

ROSA LIDIANA - Ohh, que gracinha. Que gracejo essa senhorita. Você faz o seu trabalho muito bem, sabia disso, mocinha?

PSICÓLOGA – Muito obrigado, minha senhora.

ROSA LIDIANA - Muito bem mesmo. O que foi que você disse que trouxe pra mim?

PSICÓLOGA - Ahh... Claro, senhora. Eu lhe trouxe coxinhas de frango, risoles e essas empadinhas de atum, que realmente são deliciosas. Imagino que a senhora tenha bebida no frigobar, mas caso não tenha também posso providenciá-las. Em um instante.

ROSA LIDIANA - Você disse que as empadinhas de atum são deliciosas? Hummmm. Traga-me uma. Eu tenho muitas bebidas aqui comigo, não se preocupe com isso.

**Psicóloga lhe traz uma empada.*

ROSA LIDIANA (pegando a empada) - Como sabe que estas empadas são deliciosas? Alguém lhe contou? Ou você provou uma delas? ... Não precisa ficar constrangida, doce anjo... Como ela é bonita, que anjo... Faz parte do trabalho de uma boa serviçal experimentar tudo que traz à mesa. Isso mostra sua competência. Você está de parabéns, querida. E a coxinha de frango e o risole, você não experimentou?

PSICÓLOGA - Não, senhora, só as empadas.

ROSA LIDIANA - Então vá buscar uma amostra de cada, meu bem. Me entregue. Abra a sua boquinha. Vou pô-las aí dentro, as duas, e conforme mastigas me conta o que achas... E então?

PSICÓLOGA (com a boca cheia) - Estão bons, madame.

ROSA LIDIANA - Está gostoso?

PSICÓLOGA - Sim, senhora.

ROSA LIDIANA - Vou seguir o seu conselho e experimentar a minha empadinha. Aí que delícia, mal posso esperar, ai ai ai. *(Mastiga por um tempo demonstrando prazer. Repentinamente faz uma careta e cospe tudo no chão.)* Que nojo! Que nojo! Isso é muito atroz, cretinos! Canalias! *(toma todo o whisky possível e pede que a mocinha encha os copos. Bebe como voracidade pra tirar da boca o gosto da empada enquanto reiteradamente cospe no chão e vomita).* Meu Deus, como fui burra! Como pude me esquecer?!

PSICÓLOGA - O que aconteceu senhora? Lembrou de sua filha?

**Lidiana faz uma careta como quem não tem ideia do que se está falando.*

PSICÓLOGA - A empada não estava boa?

ROSA LIDIANA - Estava deliciosa, meu anjo. Mas eu sou vegana, eu não como pedaços de animaizinhos. Ninguém te disse? Ninguém te contou que eu não suporto compactuar com esta indústria atroz da carnificinas. Deuses, que nojo eu sinto dos homens canalhas que matam e matam e matam dizendo-se empresários da indústria dos alimentos. São calhordas, você por acaso sabe quantas pessoas no mundo morrem de fome?! Quantas pessoas no mundo morrem de fome em todos os continentes!? E eles criam gado! E vendem este gado, morto, em pedaços, por um bom preço. Sabe quantas centenas de quilos de grãos estes bois comem todo santo dia? Com crianças passando fome? Tudo isso para aumentar a obesidade de americanos ridículos que insistem em enriquecer o McDonalds? Por mim os bois estavam todos mortos! Decadência da raça humana é a obesidade enquanto tantas crianças morrem de fome.

PSICÓLOGA - Obesidade é uma doença, senhora. Eu tenho uma mãe obesa.

ROSA LIDIANA - Quantos quilos tem sua mãe?

PSICÓLOGA – 150, senhora.

ROSA LIDIANA - Mas que gorda! Pegue um pano pra limpar este vomito do chão, minha querida. Não seja lenta. E saia. Rápido!

**Psicóloga limpa, sai e Leopoldo entra. Ele traz um buque de flores.*

LEOPOLDO - Querida...

ROSA LIDIANA - Lá vem o homem. Pra que diabos estas flores se eu não estou morta?!

LEOPOLDO - O prefeito está aí e lhe trouxe este buque. Ele é seu fã, amor, provavelmente vai querer lhe conhecer após o show, por favor, pare de beber.

ROSA LIDIANA (espantada) - O prefeito?!

LEOPOLDO - Sim, querida.

ROSA LIDIANA - Desta cidade?!

LEOPOLDO - É óbvio.

ROSA LIDIANA - Pois eu não frequento esse tipo de igreja, diga a ele que o meu candidato perdeu. Na verdade diga que sou apolítica, só voto nos EUA porque tenho dupla cidadania, não me meto em maracutaia e ainda não estou tão decadente a ponto de fazer show em comício.

LEOPOLDO - A depender do candidato até se paga pra fazer show, querida.

ROSA LIDIANA - Não aqui.

LEOPOLDO - Quando ele vier lhe cumprimentar, não seja indiscreta. Agradeça as flores, não faça nenhum comentário inconveniente, não tente ser engraçada nem polemica. Apenas agradeça e sorria, e se for muito difícil, simule cansaço.

ROSA LIDIANA - Mas eu estou exausta.

LEOPOLDO -Então seja verdadeira. Só não diga o que pensa.

ROSA LIDIANA - Sim. Ele está vindo?

LEOPOLDO - Não, só depois do show. Agora é você que vai pro palco.

ROSA LIDIANA - Já se passaram dez minutos?

LEOPOLDO - Até mais, amor. Está pronta?

ROSA LIDIANA - Eu sou pronta.

LEOPOLDO - Então, vamos. Querida... O que aconteceu com a mocinha que veio lhe trazer os salgados? Ela passou por mim chorando.

ROSA LIDIANA - Nada. Não me ocupo com problemas dos empregados. Ela é uma sentimental. E a mãe dela é gorda.

**Todos saem. Leopoldo sozinho medita.*

TODOS – Acorda, Leopoldo! Acorda, Leopoldo!

**Um por vez, todos vão entrando em cena e sentando ao redor de Leopoldo, em posição de meditação. Jefferson agora tem as duas pernas e Rosa Lidiana não é gorda.*

MONALISA- Leopoldo?

JEFFERSON – Acorda, rapaz!

PSICÓLOGA – Leopoldo, meu filho...

ROSA LIDIANA – É um sono profundo.

MAGRITTE – Já sei!

**Magritte se senta no colo de Leopoldo e começa a meditar. Ele abre os olhos.*

TODOS – Ele voltou!

MAGRITTE – Nós precisamos entregar a sala, mocinho, você foi longe.

JEFFERSON (JÁ SE AQUECENDO) – Vamos lá, eu quero fazer um cooper.

MONALISA – Eu animo, vamos lá!

MAGRITTE – Eu animo! Amiga, eu já te disse como eu te amo, hoje? Adoro você e adoro seu cabelo.

MONALISA – Ai, que querida!

**As duas se abraçam.*

PSICÓLOGA (PARA LIDIANE)- E você, não anima um cooper? Com esse corpinho em forma, nem precisa.

ROSA LIDIANE – Estou fazendo um regime, depois te passo. Vou correr também. Quero queimar.

JEFFERSON – Então vamos todos, vamos, não aguento mais ficar parado como se não tivesse uma perna. Espero vocês na esquina.

**Jefferson Sai.*

MAGRITTE – Esse homem é um pedaço de longo caminho, é um caminhão! Eu me casaria com ele.

MONALISA – Eu teria um filho com ele.

ROSA LIDIANE – Então vamos indo? Quero queimar, melhor que vomitar, vamos indo?

**Rosa Lidiane, Monalisa e Magritte saem correndo.*

PSICÓLOGA – Você é caladão, né Leopoldo?

LEOPOLDO – Um pouco.

PSICÓLOGA – Difícil de se encaixar nesse mundo? (ri) Tenta aprender uma língua diferente, às vezes fica mais fácil pra dizer coisas difíceis. E só entende quem é daquele planeta (ri). Vamos correr com eles?

LEOPOLDO – Vamos.

PSICÓLOGA – Depois podemos ir todos naquela churrascaria. A Lidiane está fazendo regime, mas ela pode vomitar tudo no banheiro depois.

**Os dois vão calmamente se encaminhando para a porta.*

LEOPOLDO (cantarola baixinho) - There is a light that never goes out, there is a light that never goes out...

PSICÓLOGA – Você disse alguma coisa?

**Saem todos. Publico a sós. Na saída do publico alguém lá fora está tocando Charming Man no violão.*